



# A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA

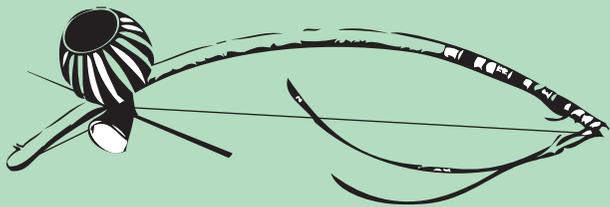
JOSÉ LUIZ CIRQUEIRA FALCÃO

SE NO INÍCIO DO SÉCULO XX A CAPOEIRA SE CONFIGURAVA COMO UMA PRÁTICA DE NEGROS RECÉM-LIBERTOS DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL, ATUALMENTE, NO DESPERTAR DO SÉCULO XXI, ELA É PRATICADA POR PESSOAS DE DIFERENTES ETNIAS E CLASSES SOCIAIS EM MAIS DE CENTO E TRINTA PAÍSES DO MUNDO.



Nos últimos anos, muitos capoeiras<sup>1</sup> saíram do Brasil em busca de melhores condições de vida e de reconhecimento. Nesse movimento, além de contribuírem, efetivamente, com o processo de expansão de sua arte pelo mundo, colaboram com a divulgação da cultura brasileira no exterior por meio de discursos que realçam a capoeira à condição de prática “exótica”, “tropical”, “brasileiríssima”.

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA



Nos últimos anos, muitos capoeiras<sup>1</sup> saíram do Brasil em busca de melhores condições de vida e de reconhecimento. Nesse movimento, além de contribuírem, efetivamente, com o processo de expansão de sua arte pelo mundo, colaboram com a divulgação da cultura brasileira no exterior por meio de discursos que realçam a capoeira à condição de prática “exótica”, “tropical”, “brasileiríssima”.

Se à época da escravidão no Brasil o sangue jorrava da caneta do feitor<sup>2</sup> em sistemáticas investidas contra a capoeira<sup>3</sup>, nos últimos anos, ela passou a receber do poder público um tratamento bem diferente, materializado por algumas iniciativas de reconhecimento e valorização desse importante símbolo da cultura brasileira.

Em comparação com os dias atuais, os capoeiras de outrora tinham uma relação bem diferente com sua prática. Porém, assim como hoje, não constituíam um bloco único e não a cultivavam com a mesma finalidade. Se no Rio de Janeiro ela teve uma vinculação forte com as maltas, as brigas de rua e a política do Segundo Reinado, em Salvador, ela tinha uma relação amistosa com os botecos, com as quitandas, que, por sua vez, se beneficiavam de suas artísticas manobras para atrair fregueses.

Antigamente, os trapicheiros, carroceiros, estivadores, carregadores, vendedores ambulantes e também desempregados reuniam-se próximo aos botecos, praças e largos para tagarelar, beber e jogar, utilizando a capoeira como atividade de lazer ou de disputa de espaço. Hoje, é comum ver profissionais de diferentes áreas utilizando a capoeira como atividade de lazer. Muitos utilizam-na como trabalho, como uma opção profissional, como um modo de sobreviver. Somado a esse contingente, encontra-se expressivo segmento de jovens que vislumbra, na capoeira, um campo de emprego nem sempre possível nas instituições e empresas convencionais.

Mesmo de forma precária, mas com grandes pitadas de criatividade, esses profissionais utilizam-se dessa manifestação cultural como meio de obterem recursos. Buscam as mais inusitadas possibilidades para escapar da sina daqueles que, considerados pela maioria como os grandes mestres da capoeira, morreram em situação de miséria absoluta. Mestres como Pastinha, Bimba, Waldemar da Li-

(1) Para designar os (as) agentes da capoeira (praticantes, mestres (as), professores (as), militantes etc.), utilizaremos o termo capoeira em vez de capoeirista, por entendermos que o primeiro tem, na cultura, o seu campo privilegiado de ação, enquanto que capoeirista nos sugere uma intervenção mais específica, mais especializada.

(2) Em alusão a uma cantiga do Mestre Toni Vargas.

(3) De acordo com Rego (1968), a capoeira foi tratada durante muito tempo como caso de polícia, “que dormia e acordava no calcanhar dos capoeiras” (p. 43). Alguns dos mais consistentes estudos sobre a história da capoeira foram realizados a partir da documentação existente nos arquivos da polícia brasileira. Ver Pires (1996) e Soares (1994 e 2001).

(4) Mestre Pastinha (1889-1981) - principal guardião da Capoeira Angola, fundou em 1941 o Centro Cultural e Esportivo de Capoeira Angola, em Salvador. Faleceu cego e esquecido. Mestre Bimba (1899 - 1974) fundou a primeira academia de capoeira do Brasil e foi o criador da Capoeira Regional, um estilo de capoeira mundialmente conhecido. Faleceu pobre, lutando por melhores condições de vida, em Goiânia-GO. Mestre Waldemar da Liberdade conduziu nas décadas de 40 e 50, aos domingos, a roda de capoeira que se tornou o mais importante ponto de encontro dos capoeiras de Salvador, onde o escritor Jorge Amado e o fotógrafo Pierre Verger “se alimentavam culturalmente” (ABREU, 2003, p. 43). Morreu, em 1990, na pobreza, como tantos outros capoeiras célebres.

berdade e outros,<sup>4</sup> que “experimentaram a encruzilhada da fome com a fama” (ABREU, 2003, p. 14), apesar de se tornarem os grandes referenciais da capoeiragem no século XX, são, para as novas gerações de capoeiras, produtos de uma condição de exploração da qual estas tentam se esquivar.

### **A internacionalização da capoeira: de símbolo de brasilidade a patrimônio cultural da humanidade.**

Quando muitos capoeiras brasileiros começaram a sair do País, a partir do início da década de 1970, para “ganhar o mundo” e trabalhar em grupos folclóricos no exterior, em busca de apoio e reconhecimento, não tinham idéia da magnitude que esse fenômeno viria a ter três décadas mais tarde. No início, tudo era muito difícil e a rua era, freqüentemente, o único espaço que eles encontravam para expressar sua arte ou para manter contatos com outros artistas do cotidiano, como palhaços e malabaristas das mais diversas origens. Nas grandes cidades dos Estados Unidos e da Europa, eles começaram a dar visibilidade a essa “arte tropical”, influenciando outros movimentos da cultura de rua, como o *break*, por exemplo, que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1980 e, logo depois, espalhou-se pelo mundo. Certamente, nessa dança de passos interrompidos e acrobacias desconcertantes existem muitos movimentos herdados da capoeira, como o giro de ponta-cabeça (o pião de cabeça).

Em Nova York, os capoeiras brasileiros costumam reunir-se em praças e avenidas e, freqüentemente, são vistos em documentários de televisão e espetáculos culturais. Em 1989, o *Jornal do Brasil*, em matéria intitulada “Capoeira para americano jogar”, já revelava os primeiros sintomas desse processo.

*Transplantada para os EUA pelos brasileiros, a capoeira está crescendo em popularidade e pode ser vista em casas noturnas, exibições, competições, escolas, e até em filmes (...). A capoeira é como o jazz americano em seu início (...) é um beat, um swing, uma pulsação, um movimento. E a maneira como as pessoas se movimentam, pensam e se comportam na capoeira é a maneira como se movimentam, pensam e se comportam em suas vidas (WEELOCK, 1989, p. 8).*

Uma questão importante se coloca neste aspecto. Quais as principais características e contribuições desse movimento de internacionalização para o desenvolvimento e valorização da capoeira?

O principal motivo da saída de uma avalanche de mestres, professores e iniciados em capoeira para o exterior é determinado por fatores econômicos e está relacionado com a busca de reconhecimento e prestígio. Se no Brasil a mensalidade para se fazer aulas de capoeira é relativamente baixo, nas principais cidades americanas e européias esse valor é significativamente mais alto.



Foto: Laura Campos

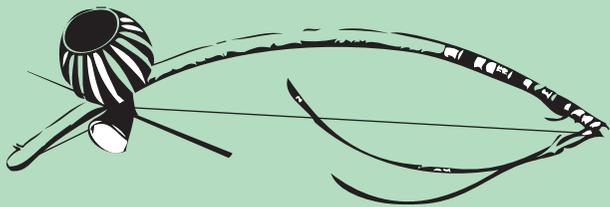
Esse movimento de expansão traz conseqüências inusitadas para a capoeira e é visto por muitos como algo sedutor, embora venha causando inquietações por parte de alguns preocupados com a “manutenção” das suas tradições. Se, por um lado, muitos alegam que a expansão leva a certo distanciamento dos princípios e valores que delegaram à capoeira um emblema de “luta de resistência” contra a exploração, por outro, muitos consideram que esse processo está contribuindo para a valorização das referências culturais africanas e para despertar um interesse maior pelo Brasil e pela cultura brasileira.

Muitos autores afirmam que, nos EUA, a capoeira ajuda, também, a revitalizar o elo entre os negros americanos e a África, cuja relação foi abalada pelo violento processo de segregação desencadeado em séculos passados. Nesse sentido, muitos americanos vêm para o Brasil com o objetivo de “beber na fonte” e procuram conhecer os mestres mais representativos dessa arte-luta. Muitos espaços da cidade de Salvador, considerada a “Meca da Capoeira”, transformaram-se em verdadeiros templos de peregrinação dos capoeiras de todo o mundo, como a Academia de João Pequeno<sup>5</sup>, no Forte Santo Antônio, ou a Fundação Mestre Bimba, no Pelourinho.

Influenciadas por outras perspectivas, expressivas levadas de capoeiras estrangeiros desembarcam nos aeroportos

Influenciadas por outras perspectivas, expressivas levas de capoeiras estrangeiros desembarcam nos aeroportos brasileiros para competir nos diversos campeonatos organizados por grupos com sede no Brasil e que possuem filiais em outros países<sup>6</sup>. A despeito das freqüentes críticas a essa forma de tratamento, esses campeonatos têm contribuído bastante para a divulgação da capoeira no exterior.

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA



brasileiros para competir nos diversos campeonatos organizados por grupos com sede no Brasil e que possuem filiais em outros países<sup>6</sup>. A despeito das freqüentes críticas a essa forma de tratamento, esses campeonatos têm contribuído bastante para a divulgação da capoeira no exterior.

Convém destacar que o grande interesse dos estrangeiros pela capoeira se desdobra imediatamente em dois desejos: conhecer o Brasil e falar o português. Muitos mestres e professores que ministram aulas no exterior, em busca de um apelo ao mais “tradicional”, fazem questão de se expressarem no idioma português. Na luta por uma identidade baseada na tradição afro-brasileira, muitos professores chegam a proibir nos seus trabalhos que se façam traduções de nomes de golpes, de movimentos, de cantigas e de instrumentos de capoeira. Falar português nas aulas de capoeira é um requisito que opera como uma espécie de “selo de qualidade” e vem contribuindo para abrir campos de trabalhos antes impensáveis. O *Hunter College*, uma das mais tradicionais faculdades de Nova York, já oferece cursos regulares de português, em decorrência da demanda provocada pela capoeira (NUNES, 2001, p. 3).

Entretanto, ao mesmo tempo em que o ex-frentista de posto de gasolina, o brasileiro Mestre João Grande, radicado em Nova York há mais de dez anos e ganhador do título de Doutor *Honoris Causa* do *Upsala College*, de Nova Jersey, em 1996, ministra aulas em sua Academia no West Village, num autêntico português da Bahia, por outro lado, muitos workshops são traduzidos para outras línguas (inglês principalmente), aqui mesmo no Brasil, como é o caso do “Capoeirando”, evento organizado por renomados mestres e realizado durante o verão em pontos turísticos estratégicos do território brasileiro, para onde se dirige expressiva massa de estrangeiros em busca da “autêntica” capoeira.

Nesse complexo movimento de internacionalização, a capoeira vem conquistando espaço nos mais diversos rincões do planeta. Além da internet, os filmes também têm contribuído para esse processo, sendo o primeiro deles, o brasileiro “O Pagador de Promessas”, que ganhou prêmios internacionais. Entretanto, foram as produções norte-americanas, *Only the Strong Survive* (no Brasil recebeu o título agressivo de “Esporte Sangrento”) e *Roof Tops*, que conseguiram emplacar maior difusão da arte-luta.

O movimento de difusão da capoeira no contexto mundial é mais visível e intenso em direção aos Estados Unidos e à Europa. Com raras exceções comprometidas em desenvolver trabalhos de “retorno” dessa arte-luta à

(5) O Mestre João Pequeno é o professor de capoeira mais antigo do Brasil em atividade, atualmente (2007), está com 89 anos. No dia 18 de dezembro de 2003, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Uberlândia-MG.

(6) Grandes grupos de capoeira realizam, atualmente, encontros internacionais, com a presença de mestres e discípulos de vários países, como é o caso da Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte Capoeira (Abada-Capoeira), que é uma entidade que congrega mais de 30 mil capoeiras em 26 países.



África, a maioria das iniciativas destina-se aos chamados países desenvolvidos.

O fato é que a capoeira ganhou o mundo e se transformou num dos veículos mais significativos de inserção da cultura brasileira no exterior, uma exuberante propaganda do Brasil. Em 2003, já existiam escolas de capoeira em todos os 50 estados norte-americanos. Somente em Nova York eram 15 escolas. O surpreendente é que a demanda por aulas de capoeira naquele país está concentrada, principalmente, nas escolas públicas. Essa prática tem sido bem cotada como atividade capaz de atuar na recuperação da auto-estima e da confiança de jovens com problemas de aprendizado e de relacionamento, constituindo-se, assim, numa “porta de salvação” para jovens vítimas de violência ou envolvidos com drogas ou álcool (NUNES, 2001). O filme *Only the Strong Survive* explora essa problemática.

Entretanto, não é somente por meio das escolas públicas que a capoeira vem conquistando os norte-americanos. Ela vem sendo usada também para “treinar” atores e atrizes de filmes de ação, como é o caso de *Halle Berry*, atriz principal do filme *Catwoman*. Para o diretor do filme, a capoeira contém movimentos vigorosos, mas com suíngue. “Para os americanos, a capoeira tem um atrativo forte, além do fato de funcionar como [...] defesa pessoal e fazer bem à saúde. Ela é exótica, o que confere um certo charme a quem a pratica” (BERGAMO, 2004, p. 58). Outros filmes produzidos em Hollywood também divulgam a capoeira a partir de algumas cenas como, por exemplo, *Meet the Fockers* (2004), *Ocean’s Twelve* (2004), *The Rundown*, *The Quest*, *Harry Potter and the Goblet of Fire* e *Batman*.

Videogames como *Tekken 3*, *4* e *5*, *Eternal Champions*, *Dark Resurrection*, *Street Fighter III*, *Fatal Fury*, *Rage of the Dragons*, *World of Warcraft*, *Bust a Groove*, *Pokémon Hitmontop*, *The Matrix*, *WWE Smack Down!* e *Here Comes the Pain* também contribuem para a disseminação da capoeira nos quatro cantos do mundo.

Como conseqüência desse processo, algumas “bandeiras” cultivadas e defendidas por seus precursores, como a oralidade, o improvisado, a “mandinga”, a resistência cultural, são preteridas, para darem lugar a outras categorias mais “sintonizadas” com o momento atual, tais como: “mercadorias étnicas”, “folia de espírito”, “malhação” e “espetacularização” etc. (VASSALLO, 2003b).

**Exemplos de experiências significativas com capoeira no exterior.** Importantes instituições de ensino e pesquisa, em especial faculdades de Educação Física, contemplam a capoeira como atividade extracurricular. Em algumas delas, existem trabalhos sistematizados de capoeira que funcionam como projetos de extensão em que professores brasileiros são contratados por tempo determinado para ministrarem atividades aos que se interessarem, como é o caso dos projetos do Estádio Universitário da Universi-



■ Oficina de capoeira em Oslo na Noruega – 16/08/03 (J. L. C. Falcão)

dade de Lisboa, da Universidade de Varsóvia, da Universidade de Oslo, da Universidade de Bristol e da Universidade Técnica de Lisboa.

Importantes eventos de capoeira de âmbito internacional acontecem em várias partes do mundo. Esses eventos permitem um intercâmbio significativo entre as diversas propostas de trato com essa manifestação.

Embora alguns capoeiras brasileiros tenham realizado apresentações pela Europa desde 1951, o primeiro trabalho de ensino sistematizado de capoeira no Velho Continente foi empreendido pelo reconhecido Mestre Nestor Capoeira<sup>7</sup>, em 1971, na London School of Contemporary Dance, Londres, Inglaterra.

Ao longo dos últimos trinta anos, o movimento da capoeira na Europa intensificou-se significativamente, fazendo com que ela adquirisse expressiva densidade, mas, no começo, tudo era difícil pela falta de informação sobre o que realmente significava esse misto de dança-luta-jogo.

Mestre Umoi, o qual há treze anos reside em Portugal, destacou que, no início, teve de dar aula na rua para convencer as crianças a fazerem capoeira. Dizia que iria ensiná-las a “dar pernadas”. Segundo ele, precisou utilizar essa artimanha para levar os “miúdos” a se interessarem pelas “pernadas do Brasil”.

*Quando eu cheguei aqui, em agosto de 1990, pelo menos na região da Grande Lisboa, onde eu me instalei, não tinha capoeira. Ninguém tinha conhecimento do que era capoeira e, claro, eu vim pra cá na tentativa mesmo de ensinar a capoeira. Comecei a procurar as academias aqui e a primeira reação dos donos das*

(7) Nestor Capoeira foi iniciado por Mestre Leopoldina e graduou-se corda vermelha pelo Grupo Senzala em 1969. É autor de vários livros e artigos de capoeira. É mestre e doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi ator principal do filme “Cordão de Ouro”, produzido pela Embráfilme (hoje disponível em vídeo pela Globovideo), sob a direção de A. C. Fontoura, em 1978.



É verdade que a capoeira, com esse “carimbo” de Brasil embutido em suas cantigas e comportamentos, ramificou-se e expandiu-se significativamente e tem servido, atualmente, como veículo de agregação de povos de vários cantos do mundo, adquirindo, assim, uma identidade supranacional.

*academias geralmente era que não queriam nada com galinheiros aqui em Portugal, porque capoeira aqui em Portugal significa galinheiro. Então isso dificultou muito o início do trabalho aqui (Mestre Umoi, comunicação pessoal, 27 de junho de 2003)<sup>8</sup>.*

A dedicação de muitos mestres e professores deu continuidade à iniciativa implementada por Nestor Capoeira e contribuiu para que essa manifestação adquirisse densidade, diversidade, visibilidade e prestígio social.

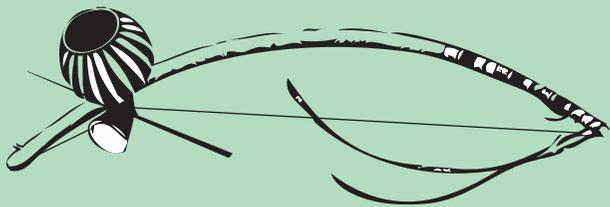
Na Europa, essa densidade expressa-se pelo rico acervo cultural embutido nos seus gestos, cantos e história, os quais extrapolam as referências de sua baianidade e edificam uma brasilidade, embora idealizada, à medida que não leva em consideração as evidentes diferenças culturais (e econômicas) presentes no Brasil. O fato é que essa mobilidade, expressada pela saída de capoeiras de diferentes cidades brasileiras em direção ao Velho Mundo e à América do Norte, contribui para ampliar as referências culturais dessa manifestação e ornamentar esse carimbo de brasilidade. Um professor norueguês afirma que: “hoje em dia, as pessoas já conhecem bem o que é a capoeira e querem a capoeira (...). Quem procura a capoeira já tem uma idéia que é uma coisa brasileira e querem isso!” (Professor Torcha, comunicação pessoal, Oslo, Noruega, 18 de agosto de 2003).

É verdade que a capoeira, com esse “carimbo” de Brasil embutido em suas cantigas e comportamentos, ramificou-se e expandiu-se significativamente e tem servido, atualmente, como veículo de agregação de povos de vários cantos do mundo, adquirindo, assim, uma identidade supranacional. O Mestre Umoi, já citado, afirma:

*A capoeira está quebrando a barreira do oceano que divide o Brasil, a África, a Europa, a América do Norte. A capoeira é do capoeirista. E a gente já tem muitos bons capoeiristas aqui na Europa. Você vê muito angoleiro alemão jogando uma Angola tão boa e até melhor do que muito capoeirista que nunca saiu de Salvador, que nunca saiu do Brasil. Aí você fala. Ah! é porque é alemão? Não, é porque é capoeirista (Mestre Umoi, comunicação pessoal, Amsterdã, 18 de agosto de 2003).*

**A experiência de professores de capoeira brasileiros na Europa.** A maioria dos mestres e professores de capoeira que atua na Europa é proveniente do Nordeste Brasileiro, em especial das cidades de Recife e Salvador, mas existem professores de praticamente todos os

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA



(8) Esse e outros depoimentos presentes nesse artigo foram tomados por ocasião de Estágio de Doutorado realizado pelo autor entre abril e agosto de 2003, na Europa, e serviram como fonte para a elaboração do quarto capítulo da tese de Doutorado intitulada: O Jogo da Capoeira em Jogo e a Construção da Práxis Capoeirana (FALCÃO, 2004).



estados brasileiros trabalhando com esta manifestação no Velho Continente.

Desde o início da década de 1970, Paris vem recebendo muitos capoeiras de diversos grupos brasileiros. A professora Úrsula, radicada na França há mais de doze anos, argumenta que quando lá chegou poucas pessoas conheciam a capoeira. Atualmente, apesar de alguns despreparados que se dizem mestres, sem nunca terem passado por uma academia, a capoeira já é bastante difundida e, freqüentemente, “as mulheres são maioria nas aulas” (CARVALHO, 2002, p. 17).

Essa condição laboral, por vezes clandestina, em que se inserem os brasileiros responsáveis pela disseminação da capoeira no exterior, diferencia-se, frontalmente, das carreiras previsíveis, de rotinas estáveis que, até pouco tempo, caracterizavam os postos convencionais de trabalho.

No entanto, são essas as possibilidades concretas que se apresentam e elas são agarradas com “unhas e dentes”, na forma de verdadeiras aventuras pelos jovens “profissionais da capoeira”. Por mais precárias que possam se apresentar, essas opções concretizam-se efetivamente e terminam por garantir a manutenção da vida da maioria desses “profissionais” que vivem distantes de sua terra natal, contribuindo, direta ou indiretamente, para substancializar a capoeira com fortes doses de aleatoriedade e de improvisação.

A luta pela sobrevivência e o desejo de reconhecimento a partir de novas experiências são os principais motivos que levam tantos professores de capoeira a deixar o Brasil e a se “jogar” em promessas incertas de “vida boa” no exterior. Entretanto, o que eles freqüentemente encontram são opções de trabalhos dispersos, desregularizados e fluídos. Geralmente atuam como *free lancers*, como alternativa para “ganhar a vida”.

A chegada dos professores de capoeira na Europa geralmente é controversa. O depoimento do Mestre Matias, mineiro, que se mudou para a Suíça em 1989 e, atualmente, desenvolve trabalhos em várias cidades daquele país, faz coro com muitas outras experiências de mestres e professores que buscaram melhores horizontes.

*Foi muito dura a chegada na Suíça, ralei muito, toquei berimbau na neve, nas estações de trem, entendeu, porque os capoeiristas que tinham lá não faziam roda de rua. Eu ia para a rua sozinho, às vezes tocava o meu berimbau, tentava saltar, às vezes fazia coisas malucas e também era um modo de me libertar. O berimbau era o meu companheiro. Era o modo de eu me livrar daquela angústia, daquela saudade, daquela vontade de estar no Brasil, no meio dos alunos, dos colegas. Aquele país frio, você chega e toma aquele choque, não conhece ninguém, porque a língua é outra. Então foi uma barra enorme*



■ Roda de capoeira numa praça de Oslo – Noruega 17/08/03 (J. L. C. Falcão)

*que eu enfrentei, mas, graças a Deus, eu superei tudo isso e hoje eu não vou dizer que falo perfeito o alemão, mas falo bem (Mestre Matias, comunicação pessoal, Madrid – Espanha, 29 de junho de 2003).*

O fato é que, a despeito de freqüentes desesperos e até deportações, muitos professores de capoeira vislumbram a possibilidade de conquistar no exterior o status e o reconhecimento que dificilmente conseguiriam no Brasil. “Eu sou um pássaro”, “ninguém me segura”, “já me sinto lá”, eram frases prontas, freqüentemente proferidas por um dinâmico professor recifense em terras lusitanas, que vem levando a vida como uma grande aventura mesclada de flutuações e incertezas nebulosas, mas com muita arte e alegria contagiante.

As dificuldades para encontrar emprego com estabilidade garantida por benefícios assistenciais fazem com que os professores de capoeira na Europa, rotulados pela, nem sempre confortável, condição de imigrante, se “desenrasquem” recorrendo a expedientes e trabalhos precários e terminem por arranjar dinheiro nos limites do legal, do legítimo, do formal e, com isso, vão construindo trajetórias não-lineares e imprevisíveis em busca de ascensão e prestígio social.

Misturando sonhos e desejos com inquietações e temores, esses professores vêm tecendo novos horizontes para o campo conhecido como educação não-formal, que está ganhando espaço na sociedade em geral, principalmente em relação às camadas sociais com menor poder aquisitivo. A experiência do Mestre Umoi ratifica essa afirmação.

*A idéia do trabalho social é uma idéia que me apaixonou. Meu trabalho sempre foi vinculado com a periferia de Sobradinho, em Brasília, e aqui não foi diferente. (...) eu entrei como estagi-*



“Você vê muito angoleiro alemão jogando uma Angola tão boa e até melhor do que muito capoeirista que nunca saiu de Salvador, que nunca saiu do Brasil. Aí você fala. Ah! é porque é alemão? Não, é porque é capoeirista.”

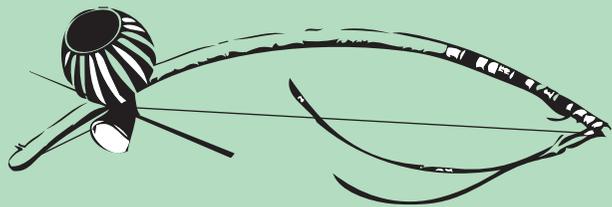
(Mestre Umoi, comunicação pessoal, Amsterdã, 18 de agosto de 2003).

ário nesse reformatório em Caxias, na Linha de Cascais, que é um centro de correção. É como se fosse um presídio de menores. Tinha lá uma grande problemática, com muito aluno africano, com muito aluno português, mas tinha até rivalidades raciais mesmo. Eu apresentei lá o projeto como estagiário. Felizmente a diretora já tinha passado vinte anos no Brasil. Conseqüentemente, conhecia capoeira e quando leu meu projeto, não associou a galinheiro, a galinha, nem nada, e isso foi uma coisa muito boa. Ela me aceitou como estagiário. De estagiário me contratou e no final do meu curso eu já fui contratado pelo Ministério da Justiça, onde estou até hoje lá (Mestre Umoi, comunicação pessoal, Lisboa – Portugal, 27 de junho de 2003).

É importante destacar que os professores de capoeira que saíram do Brasil para trabalhar na Europa se encontram numa condição menos desconfortável em relação aos demais imigrantes, uma vez que não disputam com os “nativos” um posto de trabalho. Terminam gozando de reconhecido prestígio, à medida que são possuidores de uma habilidade, de uma especialidade *made in Brazil* que funciona como um selo de qualidade muito requisitado pelos jovens europeus, em geral. São portadores, portanto, de saberes “exóticos” e “culturais” que, de certa forma, desafiam os modos tradicionais de entrada no campo produtivo e terminam redefinindo o sentido do trabalho, atualmente caracterizado por turbulência e instabilidade.

Na luta pela sobrevivência, inventam formas atípicas de ganhar dinheiro e terminam demonstrando uma notável capacidade de improvisação. Muitos articulam-se em intrincadas redes de solidariedade, por meio de densa convivência que se materializa em eventos, *W*, festas, ou simples visitas aos “trabalhos” dos seus conterrâneos irmanados pela dupla condição de capoeira-imigrante. Muitos grupos considera-

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA



■ Comércio de indumentárias e instrumentos de capoeira – Evento em Madri – Espanha. Junho 2003 (J. L. C. Falcão)



dos rivais no Brasil, ao se instalarem na Europa, terminam por minimizar e relativizar essa rivalidade para enfrentar os dissabores que a condição de imigrante freqüentemente impõe a todos os portadores do passaporte verde, indistintamente.

Essas múltiplas alternativas de trabalho com capoeira materializam-se na forma de shows em casas de espetáculos, de oficinas em instituições educacionais, de orientação de jovens em situação de risco social. Freqüentemente, o trabalho do profissional de capoeira na Europa apresenta-se de forma eventual e temporária. O comércio de apetrechos e adereços de capoeira serve para incrementar o orçamento desses aventureiros abnegados, isso quando não constitui atividade principal de muitos.

Ainda assim, a grande maioria dos professores brasileiros sente-se valorizada em trabalhar com capoeira em terras estrangeiras. Afinal, esses aventureiros destemidos consideram-se portadores legítimos de uma cultura “exótica”, pela qual o estrangeiro sempre se mostrou fascinado.

Muitos professores conquistam certa segurança, a partir de contratos com instituições públicas e privadas sólidas. Um mestre que trabalha em Portugal relatou, durante um evento na Noruega, que se sente muito valorizado como “professor de capoeira” de uma instituição pública.

Outro aspecto a destacar, a partir das experiências dos capoeiras brasileiros na Europa, diz respeito ao fato dessa manifestação cultural aglutinar, por intermédio dos concorridos eventos, pessoas oriundas de diferentes camadas sociais em um mesmo espaço de convívio. Em geral, um mestre ou professor alterna trabalhos em espaços nobres com os chamados “trabalhos sociais”. Em regra, nos finais de semana, ou nos eventos, os integrantes desses diferentes “espaços” encontram-se e confraternizam-se em movimentadas rodas.

O Mestre Barão transita, com suas aulas de capoeira, em universos aparentemente inconciliáveis da Cidade do Porto, no norte de Portugal.

*Eu dou aula no bairro Lagarteiro, um bairro bem complicado. É um bairro social que o pessoal chama aquilo lá de inferno. Dou aula também para ciganos num outro bairro também complicado do Porto. Eu estou lá fazendo um trabalho social com eles. Saio desse bairro social e vou para um ginásio que treina só ricos, que é só empresários (Mestre Barão, Comunicação pessoal, 8 de junho de 2003).*

Essa arte de viver e, em muitos casos, de sobreviver com e para a capoeira na condição de imigrante nem sempre é bem sucedida, entretanto, chama a atenção para experiências pedagógicas produtivas no campo da educação não-formal, que se interseccionam e, muitas vezes, complementam o processo de educação formal.

Nesse movimento de internacionalização, a capoeira, com todas as implicações que uma manifestação cultu-



■ Oficina de Capoeira na Universidade de Varsóvia – Polônia, maio 2003 (J. L. C. Falcão)

ral engendra, afirma-se como manifestação de expressiva densidade à medida que mestres e professores “ensinam” os seus “fundamentos” para pessoas provenientes das mais diferentes origens e culturas e, com isso, vêm contribuindo para a quebra de tabus e estereótipos construídos no interior do seu próprio movimento histórico. Se a capoeira “é brasileira”, se “está no nosso sangue”, como ela pode ser ensinada a pessoas que não têm o sangue brasileiro nas veias? Travassos (1999, p. 266) questiona: “Como se poderia ensinar algo que está inscrito no sangue, nos corpos e nas mentes de uns e não de outros?”

Muitos praticantes europeus de capoeira, além de se dedicarem exaustivamente a essa prática, interessam-se por outras manifestações que fazem parte do “acervo cultural” brasileiro, como é o caso do frevo, do samba, do maculelê e do maracatu. Com isso, terminam se apaixonando pelo Brasil. Isso pode ser ratificado pelo depoimento de um professor que ministra aulas em Lisboa, quando diz: “muitos europeus vivem a capoeira mais que muitos brasileiros e têm, realmente, o Brasil no coração” (Professor Marco Antônio, comunicação pessoal, Lisboa – Portugal, 13 de agosto de 2003).

Com a formação de inúmeros professores de nacionalidade não-brasileira, a capoeira certamente passa a lidar e incorporar novos elementos nos seus “fundamentos”. Nesse movimento, esses fundamentos são reelaborados a partir de embates permanentes, cujos aspectos de natureza econômica, cultural e subjetiva se interseccionam.

Em entrevista concedida pelo Mestre Borracha, que está na Europa desde 1985, fomos informados sobre a existência do primeiro mestre de capoeira europeu. Trata-se do Mestre Coruja, italiano, com mais de vinte anos de dedicação a essa arte, formado pelo Mestre Canela, do Grupo Mangagá, do Rio de Janeiro. Esse dado aponta para a necessidade de investigações sobre essa nova realidade que, certamente, trará enormes contribuições para pensarmos o fenômeno capoeira a partir de uma visão mais ampliada e complexa.

A capoeira pode até ser “coisa do Brasil”, mas também é de todo o mundo, à medida que para ser ensinada, praticada, transmitida, construída, ela precisa ser compartilhada, dividida, multiplicada.

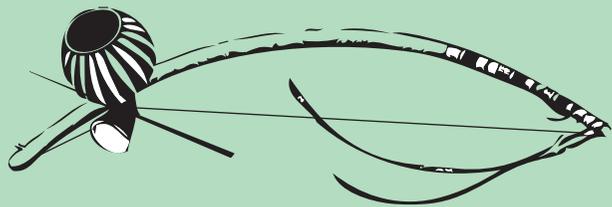


■ Roda de Rua – Carmingnando de Brenta, Itália, julho de 2003 (J. L. C. Falcão)

É certo que existe uma cobrança prévia por parte dos mestres e professores brasileiros e até mesmo dos discípulos em relação aos professores não-brasileiros que, de uma forma ou de outra, se sentem com mais responsabilidade em dominar os fundamentos da capoeira. O depoimento de um professor, que ministra aulas na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, ilustra esses dilemas:

*Eu acho que, pelo fato de não ser brasileiro, eu tenho sempre algo mais a provar. Antes de verem-me jogar ou de me verem cantar, pensam que eu vou cantar ora pois, pois...Que eu vou jogar uma capoeira sem qualidade. Eu já andei em alguns sítios que nem sequer me dignaram apresentar como professor, apenas como Arroz Doce, de Portugal. Mas penso que o que diz respeito a mim em relação às outras pessoas, mal começa a roda, esquecem tudo isso. São brasileiros, são europeus. Capoeira é capoeira. Uma roda é uma roda. Eu vibro isso, se calhar, mais que muitos brasileiros. Isso tem uma importância muito grande na minha vida (Professor Arroz Doce, comunicação pessoal, Florianópolis-SC, 26 de novembro de 2003).*

## A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CAPOEIRA



Da análise desse intrincado e rico movimento de internacionalização da capoeira, é possível formular três considerações fundamentais: a) a capoeira adquiriu, nos últimos dez anos, grande densidade, visibilidade e poder simbólico, e transformou-se em um dos principais cartões postais do Brasil no exterior; b) o significado que os sujeitos apreendem de suas práticas, emocionalmente compartilhadas, está vinculado com a intensidade das interações e com a plenitude da experiência. Nessas práticas interseccionam as dimensões ético-políticas, históricas, culturais e econômicas da vida em sociedade, e c) a capoeira está sujeita a estratificação social própria de uma sociedade dividida em classes, expressando-se em possibilidades diversificadas de acordo com as classes sociais onde está inclusa.

**Considerações finais.** A realidade de algumas experiências sistemáticas de capoeira no exterior serve como fonte de inspiração para refletirmos sobre as possibilidades desse símbolo de brasilidade que vem encantando um número cada vez mais expressivo de estrangeiros. Desta análise, é possível depreender que a capoeira consolidou-se como manifestação interétnica e o seu processo de internacionalização, verificado a partir da década de 1970, não aniquilou a participação de sujeitos políticos no campo cultural, mas, sim, criou para eles novos desafios.

Algumas experiências com a capoeira colocadas em prática no exterior vêm confirmando e ampliando os traços de transnacionalidade que contribuíram para o seu desenvolvimento, desafiando a fragilidade dos discursos que, ingenuamente, a tratam como uma prática apropriada a determinadas camadas da população e vinculada a grupos étnicos específicos.

A complexidade e a dinamicidade da capoeira evidenciam-se na intensificação do seu processo de internacionalização, cuja mobilidade se expressa horizontalmente, pelos trânsitos e fluxos dos capoeiras em todo o mundo, e verticalmente, pela possibilidade concreta de ascensão na estratificada sociedade. Apesar de constatararmos uma sistemática reafirmação de que ela é “coisa nossa”, o que, em tese, conferiria a todos os brasileiros o direito de exclusividade sobre a sua “mandinga”, as experiências analisadas demonstraram que esse discurso se constrói sob a égide do conflito e da ambigüidade. A capoeira pode até ser “coisa do Brasil”, mas também é de todo o mundo, à medida que para ser ensinada, praticada, transmitida, construída, ela precisa ser compartilhada, dividida, multiplicada.

A capoeira pode ser interpretada de acordo com valores e regras sociais. Como construção social e como manifestação cultural que permanentemente se constrói, a capoeira é influenciada pelo tempo histórico em que se situa, mas também edificada a partir dos interesses e das ações dos sujeitos que, por meio dela, atuam e disputam poder na sociedade.

Embora parcela significativa de capoeiras a trate como símbolo étnico (capoeira é brasileira! é africana! é afro-brasileira!), seu movimento de internacionalização leva-nos a pensá-la como uma manifestação com status de patrimônio cultural da humanidade. Nessa perspectiva ela não teria pátria, embora carregaria símbolos de sua inquestionável brasilidade.

#### Referências bibliográficas

ABREU, F. J. *O barracão do Mestre Waldemar*. Salvador: Organização Zarabatana, 2003.

BERGAMO, G. *Roda de gringo*. Veja. 1.839 ed., ano 37, n. 5, p. 58, 4 fev. 2004.

CARVALHO, L. C. *Na roda com a mulher*. *Revista Praticando Capoeira*. São Paulo, ano II, n. 17, 2002.

FALCAO, J. L. C. *O jogo da capoeira em jogo e a construção da práxis capoeirana*. Tese (Doutorado em Educação). Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2004.

NUNES, V. *Capoeira made in NYC*. *Correio Braziliense*. Brasília-DF, Caderno Coisas da Vida, p. 1 e 3, 13 mar. 2001.

PIRES, A. L. C. S. *A capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1937)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas-SP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

REGO, W. *Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968.

SANTANA, J. *Velhos mestres*. *Correio da Bahia*. Salvador: Caderno Correio Repórter, p. 1-7, 15 abr. 2001.

SOARES, C. E. L. *A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro, 1850-1890*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

SOARES, C. E. L. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001.

TRAVASSOS, S. D. *Negros de todas as cores: capoeira e mobilidade social*. In: BACELAR, J. & CAROSO, C. (Orgs.). *Brasil: um país de negros?* Rio de Janeiro: Pallas; Salvador-BA: CEAO, p. 261-271, 1999.

VASSALLO, S. P. *A transnacionalização da capoeira: etnicidade, tradição e poder para brasileiros e franceses em Paris*. In: Anais da Quinta Reunião de Antropologia do Mercosul. Florianópolis-SC, 30 de novembro a 03 de dezembro de 2003.

WEELock, Julie. *Capoeira para americano jogar*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 Jan. 1989, p. 8, Caderno B.

**José Luiz Cirqueira Falcão.** Professor do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia.